

À Conquista de Penela

REMANESCÊNCIAS CULTURAIS DA **IDADE MÉDIA** NO CONCELHO DE PENELA

- ITINERÁRIO TURÍSTICO CULTURAL E EDUCATIVO PARA PEQUENOS PEÕES -



Roteiro de Apoio à Vista e Guia de Atividades

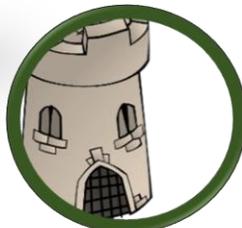
Índice



Penela e as Terras de Sico... 1



Património Geológico e Paisagens... 3



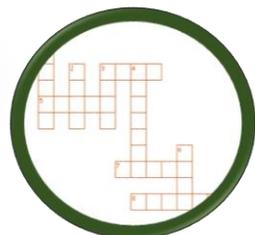
História de Penela... 10



Itinerário... 32



Idade Média... 20



Guia de atividades... 34

5/7 ...Flora e Fauna



30 ...Onde comer e onde dormir
(e outros contactos úteis)



12 ...Património Cultural



8 ...Produtos endógenos de referência



31 ...Normas de Conduta



29 ...Caminhos de Santiago



Tira apontamentos (... e fotografias) da tua viagem!





Vila de Penela

DICA ESPECIAL

Verifica se o teu calçado é adequado.
Até ao castelo é sempre a subir!



Castelo

O concelho de Penela tem uma área de cerca de 136 km² e divide-se em 4 freguesias; Podentes, Espinhal, Cumieira e União de Freguesias de S. Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal. É delimitado pelos municípios de Miranda do Corvo, Figueiró dos Vinhos, Ansião, Soure e Condeixa-a-Nova. Possui, em 2013, uma densidade populacional de 42,5 habitantes por km². Desta população, os empregados no setor primário correspondem a 6,3% (este valor é superior ao verificado no Continente). As atividades desenvolvidas são, essencialmente, relacionadas com a agricultura e a produção de queijo. Quanto à morfologia do relevo destacam-se o Monte de Vez (512m), o Monte Juromelo (401 m), o Castelo do Rabaçal (367 m) e o Castelo do Sobral (347 m).

Terras de Sicó é um território de 1500 km², em torno do Maciço da Serra de Sicó, que abrange a totalidade dos concelhos de Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela, Pombal e Soure.

As Terras de Sicó tem 2 estatutos de proteção de *habitats*, espécies e paisagens associados, essencialmente, ao seu substrato calcário:

□ **Sítio Sicó/Alvaiázere da Rede Natura 2000** que inclui as mais importantes áreas contínuas de carvalhais de *Quercus faginea* (carvalho-português ou carvalho-cerquinho) e de *Quercus rotundifolia* (azinheira) sobre calcários em Portugal, uma grande diversidade de *habitats* prioritários, sendo o único local de ocorrência confirmada da lampreia-pequena (no Rio Nabão). Tem também uma gruta importante para os morcego-de-pelucho (*Miniopterus schreibersii*), espécie classificada como "vulnerável".

É também aqui que fica o **Parque Ecológico Intermunicipal de Algarinho-Gramatinha-Ariques**, espaço paisagístico de grande importância, uma vez que alberga a maior mancha de carvalho-cerquinho da **EUROPA**.

Sabias que ...

O concelho de Penela faz parte de uma região muito particular; as Terras de Sicó.



A **rocha calcária** predominante em Penela está na origem de inúmeras formações geológicas que marcam a sua paisagem. Todavia, Penela tem também outras paisagens, associadas à sua natureza litológica diversa (xisto e granito).

Vale do Rabaçal

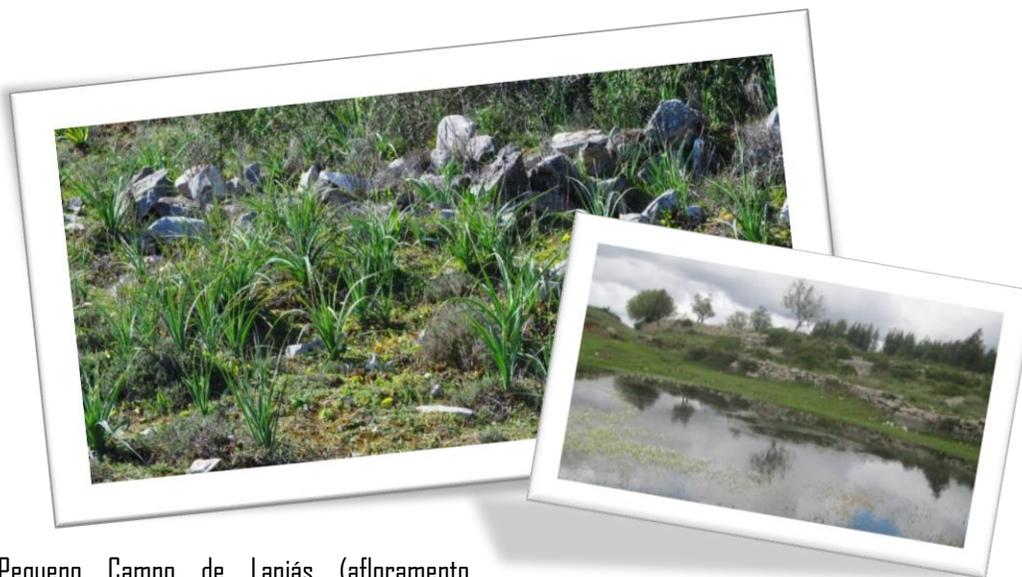
Os solos calcários conferem a todo o Vale do Rabaçal características muito particulares, de entre elas uma vegetação, predominantemente, rasteira. Também a agricultura e o pastoreio contribuíram para a existência deste tipo de coberto vegetal. São, pois, elementos da paisagem rebanhos a pastar em campos de oliveiras.

Sistema Espeleológico do Rio Dueça: Gruta do Algarinho e Gruta Talismã

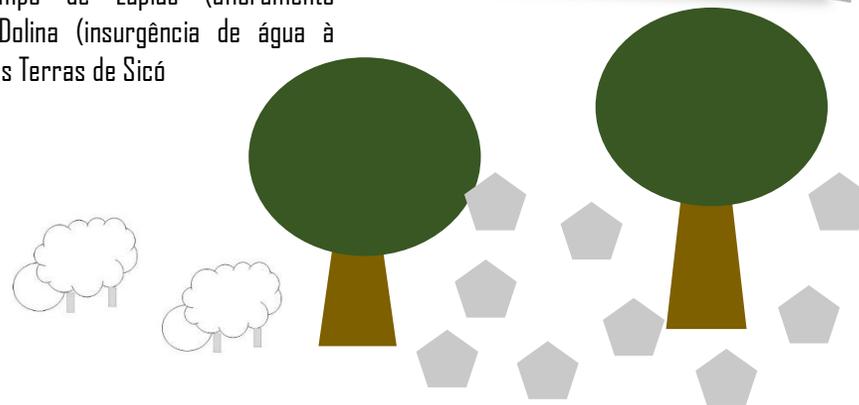
Na Freguesia de São Miguel, ao longo da EN110, encontra-se o Sistema Espeleológico do Dueça, um dos mais importantes e complexos sistemas cárnicos do país. Atualmente estão referenciadas 15 cavidades como pertencentes a este sistema, totalizando cerca de 7000 metros de galerias topografadas, numa área de 15 km². De entre as cavidades que o compõem, destacam-se a Gruta do Algarinho, a Gruta Talismã, o Sumidouro da Várzea e o Olho do Dueça (a nascente do Rio Dueça).

Pede aos teus pais para um dia visitares a Gruta Talismã.... mas só na primavera ou no verão!

As Terras de Sicó são conhecidas pelas suas paisagens *sui generis*, fruto de uma geomorfologia, também ela muito *sui generis*, e de uma vegetação muito particular. Por ser extremamente permeável, a pedra calcária muito presente neste território, forma grutas, dolinas ou sumidouros, canhões e lapíás. Esta característica da rocha calcária torna os terrenos (genericamente) secos, uma vez que a água escoar para os cursos de água subterrâneos.



Pequeno Campo de Lapíás (aflorescimento rochoso) e Dolina (insurgência de água à superfície) nas Terras de Sicó



Monte de Vez

O Monte de Vez é a maior elevação do concelho de Penela, com cerca 512 metros de altitude. Situa-se a cerca de 6 km da vila de Penela. Do cimo do Monte de Vez avistam-se as localidades de Penela e Espinhal, o Castelo de Germanelo e as Serras do Espinhal e do Rabaçal. O moinho de vento de sistema giratório aqui existente confere ao local uma beleza muito própria. À semelhança do que tem acontecido em toda região de Sicó, também aqui foram implantadas torres eólicas.

Serra do Espinhal; Cascata da Pedra da Ferida, Miradouro de S. João do Deserto e Praia Fluvial da Louçainha.

As diferenças de altitude associadas à geomorfologia da Serra do Espinhal materializaram-se num conjunto de pequenas cascatas na Ribeira da Azenha. A Cascata da Pedra da Ferida é a maior destas cascatas. Localiza-se a cerca de 2,5 km da aldeia do Espinhal. Para lá chegar é necessário fazer um percurso pedonal de algumas centenas de metros, num trilho apertado e sinuoso pela Serra, ao longo da Ribeira. Porém, o trilho encontra-se bem sinalizado e existe um parque de merendas e pontes pedonais.

Na fronteira do concelho de Penela com o de Miranda do Corvo, existe um miradouro, o de S. João do Deserto de onde se avista *"Com um bom binóculo e um pouco de imaginação, (...) cinco Distritos, além, evidentemente, do de Coimbra: os Distritos de Leiria, Castelo Branco, Guarda, Viseu e Aveiro"*.

A Praia Fluvial da Louçainha é uma das praias que integra a Rede de Praias Fluviais da ADXTUR. O local possui, como apoio às piscinas naturais, uma série de infraestruturas como um parque de merendas, um bar-restaurante, casas de banho públicas, parque de estacionamento e vigilantes.

Visita a Praia Fluvial da Louçainha no verão. Fazem-se uns piqueniques divertidos e dão-se uns mergulhos fantásticos!



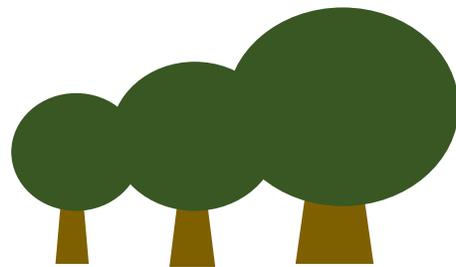
Monte Vez (ao fundo), pequena cascata na Ribeira da Azenha e Sinalização do Trilho da Cascata da Pedra da Ferida



Orquídea e roselha-grande no Rabagal

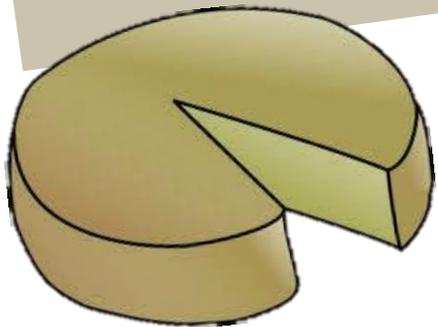


A nível das espécies de porte arbóreo, a flora das Terras de Sicó caracteriza-se por manchas de carvalho-cerquinho, azinheira e sobreiro (*Quercus suber*). Dado o predomínio do carrasco sobre outras espécies arbustivas, abundam, também, áreas de carrascais. A agricultura (principalmente do olival) e o pastoreio transformaram a vegetação de Sicó, originando matos abertos onde abundam espécies subarbustivas, como a **roselha-grande**, o saganho-mouro e a erva-de-Santa-Maria. A ausência de plantas de grande porte nestes matos torna estas zonas privilegiadas para o crescimento de flora herbácea, particularmente de flora rizomatosa e bulbosa, nomeadamente, **orquídeas**, narcisos e lírios-roxos.



Curiosidade

A Erva-de-Santa-Maria é uma das espécies que povoam as Terras de Sicó e de Penela. O seu nome científico é *Thymus zygis* L. subsp. *Sylvestris* e pertence à família das Lamiáceas. É esta planta que dá ao Queijo do Rabaçal um sabor característico, uma vez que é alimento dos rebanhos que pastam nos campos.



Uma observação direta ao território de Penela permite confirmar, igualmente, a existência de espécies como a **urze de vassouras**, o **tojo** e os **rosmaninhos**. Existem bosques dominados pelo pinheiro bravo, introduzido pelo ser humano e, pontualmente, nos matagais encontram-se medronheiros.

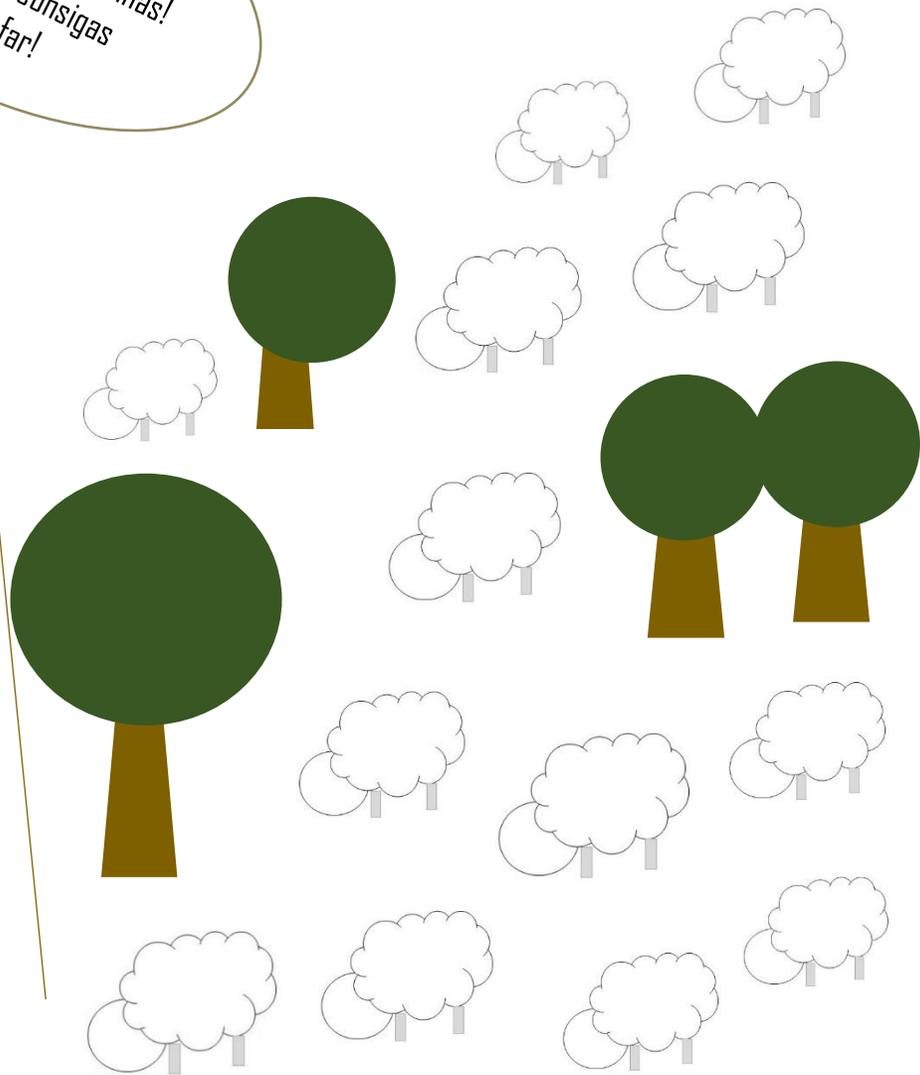
Tojo, rosmaninho e urze no Rabaçal



Bufo-real e poupa



Ah! É verdade.... vais encontrar muuuitas ovelhas! Essas talvez consigas fotografar!



A fauna das Terras de Sicó é, à semelhança da sua flora, de grande diversidade. Para conseguires observar a fauna, tens que fazer pouco barulho... tens que ter alguma sorte e paciência também!
No que respeita às aves, o **bufo-real** ocupa um lugar de relevo. Marcam, também, presença a **poupa**, o milhafre-preto, a águia-cobreira e o peneireiro-comum. Entre os mamíferos, para além de várias espécies de morcegos, encontram-se ginetas, texugos, javalis e raposas.
Nos rios Anços, Nabão e Dueça, as espécies piscícolas mais comuns são a carpa, o barbo e o ruivaco.

Queijo do Rabaçal

O Queijo do Rabaçal é um dos produtos endógenos das Terras de Sicó mais conhecido e apreciado. Originário da Vila do Rabaçal, a sua produção terá séculos, sendo mencionada em documentação de diversas épocas; o primeiro Foral de Penela de 1137 fala da existência de bois, vacas, cavalos e ovelhas..... a título de suposição, adivinha-se já produção de queijo na época. Existe uma alusão ao queijo do Rabaçal na obra literária **"A cidade e as Serras"**, de Eça de Queirós, que o define como "redondo e divino". O Queijo do Rabaçal é produzido, também, noutras freguesias tanto do concelho de Penela como dos outros concelhos das Terras de Sicó. Porém, a produção de Queijo do Rabaçal DOP (Denominação de Origem Protegida) está circunscrita a apenas algumas freguesias destes concelhos. Todo o concelho de Penela pode produzir Queijo do Rabaçal DOP. É um queijo curado, produzido de forma artesanal tendo por base a mistura de leites de ovelha e cabra. Tem características muito próprias determinadas, como já referido, pela flora da região do Sicó.

Vinho Terras de Sicó

Existe um documento do último quartel do século XII sobre Abiul onde se pode ler: "Se algum de vocês trazer vinho de Penela (...)" isto deixa perceber que a produção de vinho na região já existia nos tempos de formação do concelho. A área geográfica de produção dos Vinhos Terras de Sicó (sub-região Vinho Regional Beiras) limita-se aos concelhos de Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela e Soure e às Freguesias de Lamas (Miranda do Corvo), Abiul, Vila Chã, Redinha e Pelariga (Pombal) e Aguda (Figueiró dos Vinhos). Em Penela, o cultivo da vinha assume maior expressão nas Freguesias de Podentes e São Miguel, sendo que a atividade desempenha ainda um papel significativo nos rendimentos de muitos dos seus habitantes. Os vinhos tintos são macios e aromáticos e têm um agradável teor alcoólico e um notável *boquet*, os brancos, de tons citrinos e palha, são gordos e possuem uma boa relação álcool/ácido.

Mel Serra da Lousã DOP

O concelho de Penela é produtor de mel, sendo na Serra do Espinhal que este produto tem a sua maior expressão. A Freguesia do Espinhal é a única produtora, de todo o concelho, de **Mel Serra da Lousã DOP**. A urze que povoa o concelho de Penela e a Serra do Espinhal, em particular, reflete-se no sabor e qualidade do Mel da Serra do Espinhal.



Cabras na Serra do Espinhal/Queijo Rabaçal DOP

O Azeite Terras de Sicó, de características qualitativas intrinsecamente ligadas à região, é muito importante na gastronomia regional, na confeção de doces, nas lagaradas e nos pratos de cabrito e borrego. É, também, essencial para a conservação dos enchidos e do Queijo Rabaçal.

As Oliveiras de Portugal

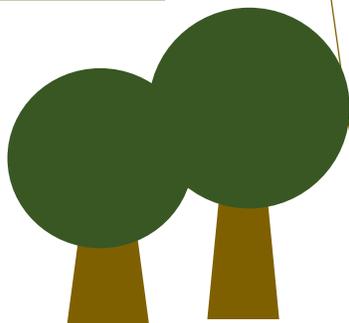
Oliveira é o nome comum de um conjunto de espécies do género *Olea*. Na Europa existem duas variedades deste género, a *Olea europaea L. var. europaea* e a *Olea europaea L. var. sylvestris* (Miller) L.

A *Olea europaea L. var. sylvestris* (Miller) L., nome científico do zambujeiro ou oliveira-brava, é uma árvore originária da Bacia do Mediterrâneo e espontânea em Portugal. Esta espécie foi transformada por sucessivos cruzamentos com o objetivo de produzir frutos maiores, dando origem à oliveira, a *Olea europaea L. var. europaea*.

Diz-se, na tradição oral, que a oliveira poderá ter sido trazida pelos Mouros para a Península Ibérica.

Sabes como se diz azeitona em árabe ?

az-zaytuna

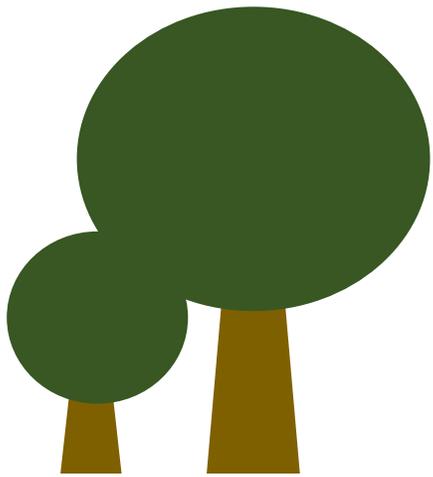


Noz

Penela é, a par com Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Soure, Pombal, Ansião e Alvaiázere, um dos concelhos da Região Agrária da Beira Litoral produtores de noz. Em Penela, as nogueiras começam, hoje, a ser produzidas como uma cultura frutícola, originando nozes de qualidade que entram no circuito comercial regional e nacional, sendo vendidas, em grandes quantidades, na Feira das Nozes, dos Produtos Endógenos e Gastronomia de Penela, durante a Feira de São Miguel, todos os anos em setembro.

Azeite Terras de Sicó

A produção de azeite é uma atividade com grande representatividade em toda a região das Terras de Sicó. O Azeite Terras de Sicó, produzido com azeitonas da variedade Galega unicamente da região do maciço de Sicó, é ligeiramente espesso, muito frutado, com cor amarela ouro, com 0,8% de acidez máxima para azeite virgem extra e 1,5% para azeite virgem.



A palavra Penela tem origem no vocábulo Peña (ou penha) que significa cabeça, monte ou rochedo. Atendendo à etimologia da palavra e considerando os estudos arqueológicos levados a cabo no concelho, crê-se que na origem do Castelo de Penela tenha estado um castro lusitano posteriormente ocupado pelos Romanos, no século I a.C.

O concelho de Penela possuiu, em tempos, legados de ocupação anterior aos povos celtas. A sul do território existiu um dólmen, o **dólmen do Laço**.... hoje já não existe....

Outro vestígio de ocupação primitiva foi a **pulseira de ouro** do período final do bronze peninsular encontrada na Lapa do Moirão.... esta peça foi roubada no início do século XX, do Palácio das Necessidades, em Lisboa.

Da ocupação romana existem ainda as **mós manuais** encontradas em Pastor, a **Villa Romana do Rabaçal** e os mosaicos na Capela de Nossa Senhora da Graça, em S. Simão.

O longo período de domínio árabe neste território, traduz-se na toponímia de algumas localidades do concelho como **Alfajar** e **Almegue**. Um outro elemento deixado pelos Mouros no país e no concelho foi a **olivicultura**, ainda hoje atividade económica de grande importância para Penela. Apesar da existência da zambujeiros e da produção de azeite em todo o país, sabe-se que toda a atividade agrícola, particularmente a olivicultura, atingiu, neste período, um grande desenvolvimento, graças à chegada (com os Mouros) de técnicas agrícolas muito avançadas para a época.



No período em que a região de Coimbra era fronteira entre a Cristandade e o Mundo Islâmico, Penela ganha **importância estratégica na defesa de Coimbra**, integrando o sistema defensivo da cidade, à data, uma das maiores da Península Ibérica.

A primeira referência histórica a Penela relaciona-se com o povoamento do seu castelo, levado a cabo por D. Sesnando, na sequência da tomada de Coimbra aos Mouros por Fernando Magno, em 1064. A cidade de Coimbra, que ficou a presidir a um vasto território cristão, passou a ser "retalhada em municípios", tendo o de Penela sido criado, por foral, em 1137, por D. Afonso Henriques.

No contexto da política expansionista de D. Afonso Henriques, foram erigidas uma série de fortificações na zona da Ladeia, particularmente a Torre de Ateanha e a Torre de Alvorge, de forma a proteger o território das incursões dos Mouros. Porém estas fortificações não eram suficientes e, em 1142, D. Afonso Henriques manda construir o Castelo do Germanelo.



Linha Defensiva do Mondego

Episódio de Caspiro

Após o foral concedido por D. Afonso Henriques, nem sempre Penela esteve sob domínio da Coroa portuguesa. Aliás, existe um episódio histórico ocorrido em Penela, durante a crise de 1383-1385, que retrata exatamente esta questão. Em 1384, populares do município, enfrentando o senhor de Penela (D. João Telo), cortaram-lhe a cabeça, voltando Penela a apoiar a facção do Mestre de Avis. Caspiro, carrasco de D. João Telo, tornou-se um herói regional e nacional.

Há quem considere que a Batalha de Ourique se deu em Penela, na zona da Ladeia, lá para os lados do Rabaçal! Curiosamente ali perto existe uma terra chamada Chão de Ourique! mas o mais provável é que não seja verdade....





Castelo de Penela

Castelo de Penela

O Castelo de Penela é Monumento Nacional. Como já mencionado, foi construído no local onde terá existido um castro pré-romano. A sua primeira construção data do século XI, todavia, a configuração atual é fruto de uma intervenção realizada, em 1940, uma vez que castelo chegou ao século XX num estado próximo da ruína.

Na última década do Século XX procedeu-se à pavimentação dos acessos e da circulação interior do castelo, à limpeza, recuperação e consolidação das muralhas, à beneficiação do caminho de visita com passadiços que permitem o percurso pedonal na quase totalidade do seu perímetro. Esta fortificação terá sido mandada construir no século XI por D. Sesnando, governador de Coimbra e senhor de toda a região, no contexto da Linha Defensiva de Coimbra. Efetivamente, o elemento mais antigo do castelo (pequena cerca no topo do mais alto afloramento rochoso) parece datar da época sesnandina. Da sua ocupação, restam, na subida ao castelejo, três sepulturas antropomórficas bem como restos de habitações desses primeiros povoadores na zona extra-muralhas. D. Afonso Henriques, que em 1131 transfere a sua corte para Coimbra, é responsável por algumas obras de remodelação, com destaque para a sua ampliação e a transformação do castelejo em torre de menagem, hoje desaparecida.

As muralhas exteriores são dos finais do século XIV, São muralhas altas, de boa construção, fortalecidas por um sistema de torres, das quais se destacam a quinária e a que se ergue junto à porta da vila.

O castelão e a porta da vila são do século seguinte (século XV). Além da porta da vila existe uma outra, a porta da traição ou porta dos campos que possui uma dupla abertura em cotovelo integrada numa torre, estilo que traduz a influência muçulmana na fortificação portuguesa dos finais da Idade Média.

Penela
Medieval

Castelo de Germanelo
 Este castelo localizado no cimo do Monte Germanelo, terá sido, igualmente, construído no local de um castro pré-romano. Foi erguido por D. Afonso Henriques em 1142, no contexto da Defesa de Coimbra e da Reconquista Cristã. A conquista de Santarém, em 1147, desloca a linha de fronteira para o Tejo retirando às fortalezas de Penela e Germanelo grande parte da sua importância estratégica. No século XX, as ruínas do castelo foram adquiridas por um particular que levou a cabo obras de reconstrução de parte da muralha, hoje coroada por dezassete ameias. As escavações arqueológicas permitiram localizar as antigas portas, a cisterna e fundações residenciais localizadas na praça de armas. O local é atualmente gerido pelo Município de Penela, por protocolo de cedência. A subida ao castelo é feita a pé por um percurso sinalizado. Do alto do castelo a vista é admirável sobre o Vale do Rabaçal (Ladeia). Este castelo está homologado como Sítio de Interesse Público.

"Jerumelo, atira para cá outra vez o malho".



Lenda dos Irmãozinhos ou dos Germanelos

Era uma vez dois irmãos ferreiros que habitavam cada um seu monte; Germanelo, a norte, e Jerumelo, a sul. Os seus pais eram pobres e não tinham que deixar aos irmãos senão duas forjas e um martelo. Estando cada um no seu monte com a sua respetiva forja, iam arremessando o martelo que servia alternadamente. Certo dia, Jerumelo zangou-se com o irmão e atirou-lhe o martelo com tanta força que este se desconjuntou, caindo o ferro na encosta do monte Germanelo, fazendo brotar uma fonte de água férrea (originada a povoação da Fartosa) e o cabo de madeira de zambujo, foi espetar-se numa terra a dois quilómetros de distância, fazendo nascer um zambujo, originando o nome da povoação de Zambujal.

Castelo de Germanelo, calçada até ao castelo e Monte Jerumelo visto do Castelo de Germanelo.



Jerumelo

Germanelo



Lenda do Pé Nela

Existe uma lenda de tradição oral, relacionada com a origem do nome de Penela e do seu castelo, que faz alusão ao “castelo” do Sobral no contexto das reconquistas do território aos mouros.

Reza a lenda que reconquistado o castelo do Sobral, faltava tomar aos mouros outro castelo. D. Antão Gonçalves, jovem cavaleiro cristão, insinua-se a Alina, filha do governador mouro, fazendo-se passar por cristão renegado. Os seus companheiros, aproveitando uma saída dos mouros, e disfarçando-se de mouros, encaminharam-se, então, para o castelo como se de mouros se tratassem. Quando os habitantes do castelo deram conta, já D. Antão Gonçalves tinha aberto as portas do castelo, gritando: “Avancem! A praça é nossa! **Estamos com o pé nela!**” e daí adveio o nome Penela.



“Castelo” do Sobral

Pouco se sabe acerca do “castelo” do Sobral. Localizado a 347 metros de altitude, as ruínas serão provavelmente de um castro pré-romano com ocupação posterior. Diz-se que aqui perto foram encontradas, em sepulturas, alfinetes em cobre e objetos grosseiros de barro.



Alfajar ficou ligada à Lenda dos Germanelos devido à nascente de água férrea que ali brotou com queda do malho de Jerumelo.

Mãezinha... vou ali à fonte buscar aguinha de Alfajar e volto já!



Fontanário de Alfajar

Alfajar, de toponímia árabe, possui um fontanário antigo, já muito intervencionado. Em 1135 "a água de Alfajar" é mencionada num documento da Herdade da Janeia, situada a norte da localidade. À própria localidade existe, ainda, uma referência mais antiga num documento do Mosteiro da Vacariça.

Fonte da Fartosa e Poço das Águas Férreas

O nome da localidade de Fartosa provém do vocábulo "Ferratosá", alusão à água ferrosa da Ribeira da Fartosa. A água de "Ferratosá" ou "Farretosa" é referida em documentos do século XII; um de 1160 e outro de 1174. Próximo da Fonte da Fartosa, fontanário antigo, existe o Poço das Águas Férreas. Fartosa tem, também, uma pequena capela com esculturas dos séculos XV e XVI em pedra de Ançã.

Fontanário de Alfajar

Repara bem!



Apesar de medievais, estas igrejas já não mantêm os seus traços originais....

Igreja de S. Miguel

A atual Igreja de S. Miguel resulta de grandes intervenções levadas a cabo na segunda metade do século XVI num pequeno templo, referenciado no Foral de Penela de 1137. A Capela-mor é revestida de talhas barrocas, essencialmente do final do século XVII e início do século XVIII. Destaque para a imagem da Senhora com o Menino, da autoria do mestre João de Ruão, datada dos meados do século XVI. A igreja encontra-se dentro das muralhas do Castelo de Penela.

Igreja de Santa Eufémia

Existem referências a esta igreja em 1254, todavia, este templo é, sobretudo, do período renascentista (século XVI). Do românico mantém apenas um capitel transformado em pia de água benta. O seu exterior tem linhas direitas e ostenta um portal, datado de 1551, com diversas esculturas decorativas. O interior apresenta um corpo de três naves, separadas por arcadas da ordem toscana, cobertura em madeira e cabeceira tríplice. A Capela-mor abobadada possui um retábulo barroco de talhas douradas. A Capela do Espírito Santo possui um retábulo em pedra de Ançã do século XVI e uma escultura da Virgem com o Menino, dos finais do século XV, ambos de oficinas coimbrãs. A Pia Batismal é de estilo manuelino. Esta igreja é Monumento Nacional.



Igreja de S. Miguel (e pormenores no seu interior) e Igreja de Santa Eufémia



Pelourinho de Penela (e pormenores da pinha) e Pelourinho de Podentes

Pelourinho de Penela

O Pelourinho de Penela constitui "nitidamente uma peça de finais de Quatrocentos ou início de Quinhentos". Estando inicialmente na praça da vila, foi deslocado, encontrando-se hoje na Rua 25 de Abril. É composto por uma coluna de fuste oitavado de faces lisas, pela pinha (de cuja base irrompem quatro braços de ferro forjado dispostos em cruz) e por três degraus. Possui dois brasões semelhantes que representam os símbolos heráldicos municipais. É Monumento Nacional.

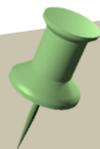
Pelourinho de Podentes

O pelourinho manuelino de Podentes possui o maior fuste de um só bloco, datável desta época, encontrado em Portugal. O fuste de mármore, provavelmente originário de um antigo edifício romano em ruínas, eleva-se sobre uma base de construção recente de quatro degraus. O capitel de forma cúbica apresenta nas faces a Cruz de Cristo, a esfera armilar e dois escudos já gastos. Este pelourinho está classificado como Imóvel de Interesse Público.

Ruínas do Paço Medieval da Chaqueda

Na Chaqueda (localidade do concelho) existe um edifício em ruínas que outrora foi o paço de D. Pedro, Duque de Coimbra.

Abre a pestana!



Em Penela, para além do património (que nós considerámos) ainda com remanescências da Idade Média, há muito para ver!



Igreja Matriz de Podentes



Igreja Matriz de Podentes

Capela de Nossa Senhora da Graça

No lugar de S. Simão existe uma pequena capela junto à qual foi encontrado um conjunto de mosaicos romanos provenientes da *Villa* romana de S. Simão.

Convento de Santo António

O Convento de Santo António é um Imóvel de Interesse Público. Foi fundado em 1578. Em 1834, ano em que a Ordem Franciscana foi extinta, passou para a mão de particulares, estando hoje em elevado estado de degradação.

Igreja da Misericórdia

A Igreja da Misericórdia é um templo da segunda metade do século XVI, apesar de ter inscrito no seu portal o ano de 1616, ano em que terá sido alvo de reforma. A porta principal apresenta elementos manuelinos, renascentistas e maneiristas.

Igreja Matriz da Cumieira

A única referência conhecida à Igreja Matriz da Cumieira (e à sua povoação) é do ano de 1518, data em que D. Manuel I a refere como "Igreja de S. Sebastião". Possui uma capela na cabeceira com um retábulo dourado da época de D. Pedro II.

Igreja Matriz de Podentes

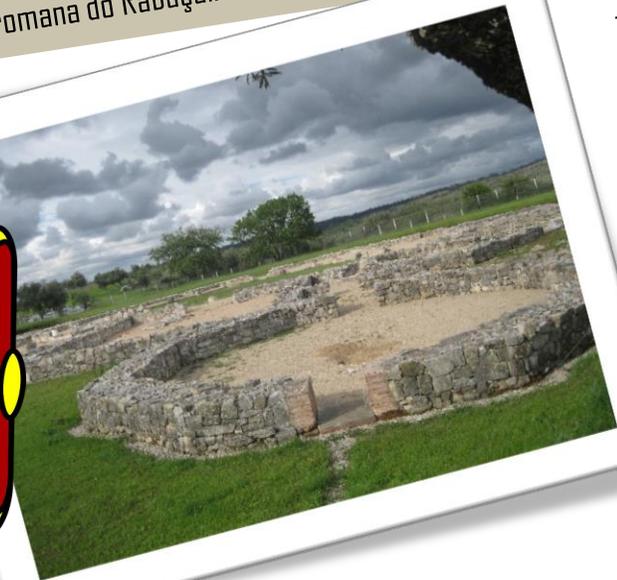
O aspeto exterior da igreja resulta de uma grande remodelação levada a cabo no século XIX. O seu interior tem apenas uma nave, uma capela na cabeceira, cujo Altar-mor é oitocentista, e duas capelas laterais.

Villa romana do Rabaçal



Esta *villa*, assim designada na ausência de qualquer testemunho epigráfico ou textual, situa-se na aldeia do Rabaçal, junto à antiga via romana que ligava *Olisipo* a *Bracara Augusta*. A 12 km a Sul de Conímbriga, era parte integrante do território desta antiga *civitas*. Nesta *Villa* tardo-romana, datada do século IV d.C., foram identificadas a *pars urbana* (área residencial), o *balneum* (banheiro), a *pars frumentária* (área do pátio agrícola com alpendre) e a *pars rustica* (alojamento dos servos, armazéns, oficinas).

Os mosaicos apresentam "motivos figurativos e algumas composições geométricas e vegetalistas" únicas em Portugal. Existe um Espaço-museu, tutelado pelo Município de Penela, aberto ao público desde 2001, com espólio da estação arqueológica da *Villa* romana do Rabaçal.



Estação Arqueológica da *Villa* romana do Rabaçal

Igreja Matriz do Espinhal

A Igreja do Espinhal remonta à segunda metade do séc. XVI. É constituída por três naves separadas por arcadas de colunas jónicas, por duas capelas nos flancos, que têm no interior retábulos de pedra em estilo renascentista coimbrão, e pela Capela-mor, com retábulos de talha dourada de estilo barroco.

Igreja Matriz do Rabaçal

Não se sabe exatamente a data desta igreja, porém o seu aspeto atual resulta de diversas remodelações, uma das quais no século XVIII. É composta por uma nave e uma capela na cabeceira, de onde se destaca um retábulo oitocentista de talha com uma tela alusiva a Santa Maria Madalena.

Parque das Águas Romanas

Este espaço, de construção contemporânea, inspira-se na *domus* da *Villa* romana do Rabaçal. Permite aos mais pequenos atividades lúdicas de âmbito cognitivo e físico.

A Idade Média é o período da História da Europa ocidental que dura aproximadamente mil anos e que se inicia com a Queda do Império Romano do Ocidente.

Este período era tradicionalmente tido como uma época de retrocesso, os ingleses designam-no mesmo como **"the dark ages"**. Hoje a Idade Média já não é encarada como um período tão obscuro.

À Península Ibérica, com a desagregação do Império Romano do Ocidente, chegaram, numa primeira vaga, os Alanos, Vândalos e Suevos e, numa segunda vaga, os Visigodos. Mais tarde, no início do século VIII, o exército muçulmano invade a Península Ibérica conquistando rapidamente o território peninsular

com exceção do seu extremo norte, as **Astúrias**. Os muçulmanos permaneceram alguns séculos no território da Hispânia (a que chamavam Al-Andalus), influenciando a língua (lembras-te da toponímia das localidades de Alfafar e Almegue?), a cultura, algumas artes e ciências como a agricultura (recordas-te da olivicultura?), a astronomia e a matemática.

A incapacidade de conquistarem a totalidade do território permitiu que, os visigodos cristãos das Astúrias, liderados por Pelágio, iniciassem, com o apoio dos reinos do norte dos Pirenéus, o longo processo de **Reconquista Cristã**.

O território muçulmano foi, lentamente, retomado pelos reinos cristãos, sendo Coimbra conquistada, definitivamente, em 1064, por Fernando Magno, Rei de Castela e Leão. O Rio Mondego passou a ser a fronteira do ocidente da Península Ibérica. Sesnando Davides, moçárabe da Península Ibérica, torna-se Senhor de Coimbra (Alvazil de Coimbra), sendo responsável pela construção de vários castelos da região, nomeadamente o de Coimbra, Lousã, Montemor-o-Velho, Penacova e Penela. Nesta altura, Coimbra era um centro económico e mercantil bem como um lugar de promoção da cultura moçárabe. Governou até cerca de 1091....

Alta e Baixa Idade Média

A Idade Média está dividida em Baixa Idade Média e Alta Idade Média, sendo a invasão dos povos bárbaros no século V o evento que dita o início da Baixa Idade Média e as suas grandes transformações no Ocidente. A Alta Idade Média ter-se-á iniciado por volta do ano mil, não estando definida uma data concreta.

"Os Bárbaros espalham-se pelas Espanhas (...), as quatro flagelas do ferro, da fome, das epidemias e dos animais devastam tudo em todo o mundo e as predições do Senhor através dos seus profetas realizaram-se".



Em 1131, D. Afonso Henriques deixa Guimarães e muda-se para Coimbra, passando a cidade a ser o seu “quartel-general”. Dada a importância, à data, da cidade de Coimbra no contexto ibérico, foi reforçada a linha defensiva, que consistiu na edificação de um conjunto de muralhas e castelos e outras estruturas defensivas, para proteger a região cristã do ataque dos mouros. Para fortalecer a Linha do Mondego, D. Afonso Henriques doa o Castelo de Soure aos Templários, concede Cartas de **Foral** a Miranda do Corvo, em 1136, e a **Penela**, em **1137**, e edifica novos castelos, particularmente em Germanelo, em 1142. Além destas medidas dirige pessoalmente uma incursão contra os muçulmanos da região, conhecida como o “fossado da Ladeia”.

Apesar do avanço da fronteira para sul e conseqüente afastamento do perigo muçulmano da cidade de Coimbra, o Castelo de Penela continuou a deter importância estratégica, tendo sido alvo de obras de manutenção e ampliação já no decurso do séc. XV. Os castelos continuaram a ser, durante todo o período medieval, símbolos da organização social, de poder, de segurança das populações e manutenção da justiça.

Apesar de terminada a reconquista portuguesa em 1249, no reinado de Afonso III, houve sempre necessidade de manter as estruturas defensivas ativas, fruto da natureza belicista da cultura medieval. Ao longo da dinastia de borgonha foram diversos os episódios de conflitos armados, quer de dimensão regional, nacional e até ibérica. Ultrapassada a crise dinástica de 1383-85, com a dinastia de Avis, inicia-se a expansão ultramarina, primeiro como continuação da reconquista cristã, agora em território magrebino, e posteriormente com um projeto de navegação cada vez mais ousado. A expansão ultramarina modifica a estrutura social, alterando a tradicional relação entre as três classes, abrindo caminho ao renascimento das cidades como focos culturais e de comércio, prenúncios de uma nova era, a Idade Moderna.



Idade Moderna

Idade Média

Os castelos são símbolos do sistema feudal que dominou a Europa medieval. Ao contrário dos burgos e das civitates, os castelos eram residência dos reis ou de apenas uma família de senhores feudais, vassallos diretos do rei.



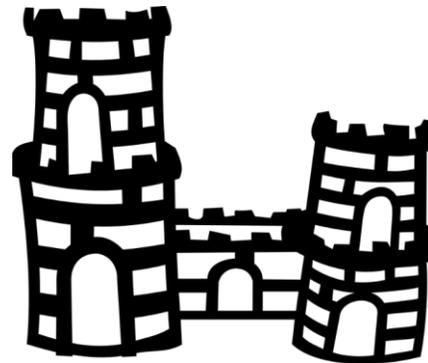
Muralha do Castelo de Penela

As muralhas tinham, regra geral, apenas um **portão**, configuração que permitia maior controle das entradas. Estes portões, flanqueados por duas torres iguais, eram de grandes dimensões, feitos de madeira de carvalho e cobertos por portas levadiças de ferro. A rodear as muralhas havia **valas** ou **fossos** profundos e, geralmente, cheios de água, daí que para se entrar pelos portões existissem as **pontes levadiças**, que se baixavam e içavam através de cordas ou correntes de ferro.

Na sua maioria, os castelos medievais da Europa assentam estrategicamente sobre colinas íngremes ou nos topos de falésias rochosas, numa posição de domínio e controle do território. Muitos deles tiveram origem em castros pré-romanos, situados em locais altos. Esta localização intencional dos castelos faz parte de um pensamento estratégico que acaba por originar as Linhas Defensivas, que ajudaram a assegurar a integridade do espaço físico dos territórios. Em Portugal, a Linha Defensiva do Mondego, do qual fazia parte, como já referido, o Castelo de Penela, foi um exemplo da estratégia defensiva planeada da cidade de Coimbra.

No início da Idade Média os castelos eram de madeira, no entanto, estas fortificações incendiavam-se facilmente e eram menos resistentes que as de pedra. Por isso, os castelos de madeira foram sendo substituídos pelos de pedra.

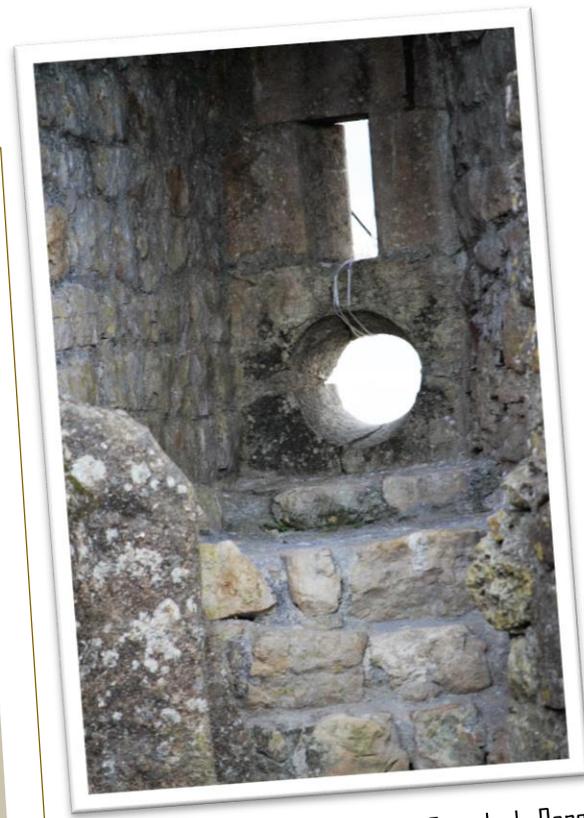
Os castelos medievais eram constituídos por **muralhas de pedra** (também designadas por *pano de muralha*), **torres de vigia** e pelo **edifício principal**.



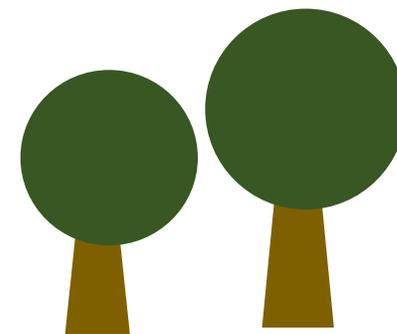
Burgos – pequeno povoado construído fora das muralhas do núcleo urbano primitivo (castelo ou mosteiro) e que se desenvolveu sob sua proteção, pelo processo de troca de produtos entre um feudo (território maior) e outro. Os seus habitantes eram os burgueses.
Civitates – cidades.

A *barbacã* ou ***muralha da barbacã*** era um muro de pedra mais pequeno e anteposto à muralha exterior que, oferecendo uma segunda resistência aos inimigos, defendia o espaço entre a muralha exterior e o pátio interior. Tinha uma ou várias portas para o interior do castelo e possuía vários elementos que se relacionam com a sua função defensiva; os ***mata-cães***, as ***frestas*** ou ***fendas de espionagem*** e as ***seteiras***.

Os mata-cães eram orifícios por onde os *guardas da barbacã* atiravam água e areia a ferver ou pedras aos inimigos. As frestas de espionagem eram fendas na parede da muralha que serviam para os *soldados de guarnição* vigiarem o fosso entre a muralha exterior e a barbacã. As seteiras eram fendas estreitas que serviam para lançar setas com arcos ou bestas. Estes elementos da barbacã são, igualmente, comuns a outras estruturas, nomeadamente às torres de vigia. Por exemplo, em Coimbra, na Torre de Almedina, existem dois mata-cães; diz a tradição oral (e escrita) que se atirava água e azeite a ferver aos Mouros que tentavam entrar na *Medina* (cidade).



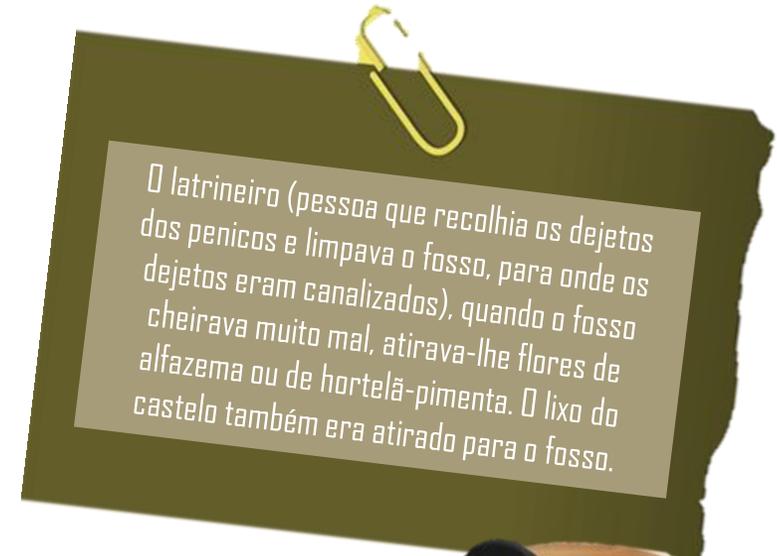
Seteira e Fenda de espionagem no Castelo de Penela



Regra geral, na **torre de menagem**, estrutura central do castelo, ou nos seus espaços mais próximos existia uma **capela** que, apesar de privada (do senhor e da sua família), podia ser acedida por todos os serviçais e guardas do castelo. As janelas dos andares mais baixos da torre de menagem eram pequenas e estreitas de forma a não deixar passar projéteis e pessoas (inimigos).



As suas paredes estavam revestidas de tapeçarias grandes e coloridas para tornar os aposentos mais confortáveis. Havia archotes e velas para iluminar o seu interior e lareiras acesas para aquecer os espaços. As tapeçarias eram verdadeiras obras de arte e, muitas vezes, representavam episódios históricos e da vida quotidiana. O quarto do senhor do castelo situava-se nos andares mais elevados da torre de menagem, local de mais difícil acesso. Os quartos usados apenas pelas senhoras designavam-se por tocadores. Por vezes, as paredes eram estucadas e ornamentadas com pinturas. Os senhores dormiam em colchões de palha ou penas, em camas de madeira cobertas com dosséis. As refeições dos senhores eram servidas no salão nobre, também situado na torre de menagem. Este salão era também o palco de festas e outras ocasiões solenes. Relativamente à higiene pessoal, os senhores do castelo tomavam banho em tinas de madeira colocadas junto às lareiras e usavam penicos ou **latrinas**.



Muitas mulheres participavam ativamente nas batalhas da Idade Média; tanto como forma de apoio no fornecimento de munições aos guerreiros como combatendo. Destaque para as mulheres guerreiras portuguesas da Idade Média D. Teresa (filha de D. Afonso Henriques), Deu-la-Deu Martins, Brites de Almeida e Inês Negra. Por se tratarem de mulheres oriundas de classes sociais mais baixas, ressalva para as atuações de Brites de Almeida (a **Padeira de Aljubarrota**) e de Inês Negra (montanhesa das Terras de Barroso), ambas apoiantes de Mestre de Avis.



Os exércitos medievais eram compostos por elementos montados, que formavam a **cavalaria**, e por elementos apeados, a **infantaria**. Embora se dê muito destaque aos cavaleiros da Idade Média, a infantaria merece, igualmente, um lugar de relevo no contexto das suas funções militares.

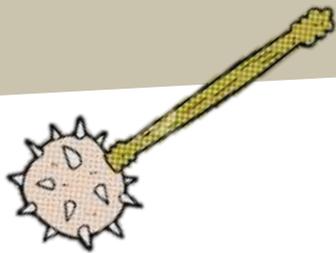
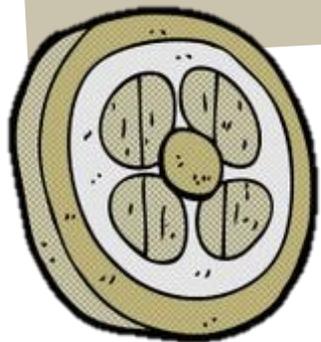
As tropas montadas pertenciam às classes mais altas, sendo constituídas por *cavaleiros nobres* e *cavaleiros vilãos*. Os primeiros eram nobres abastados, os cavaleiros vilãos, não sendo nobres, tinham riqueza suficiente para ter e manter os seus cavalos. A manutenção de um cavalo constituía um encargo muito pesado; para além da alimentação, os animais exigiam mudança periódica de pastos, sendo, também, necessária a construção de estábulos e vedações. Além disto, era indispensável adquirir o equipamento para selar o animal e o fardamento de cavaleiro.

As tropas apeadas eram os **peões**. A maioria dos guerreiros da infantaria (também designada por peonagem) eram camponeses ou artesãos e constituíam a classe mais modesta e mais numerosa entre os guerreiros medievais. Os peões que usavam arcos chamavam-se **arqueiros**, os que usavam bestas, **besteiros**.



A peonagem portuguesa

Nos finais do século XII, inícios do século XIII, as Cruzadas vieram modificar o desempenho da peonagem; os peões passaram a guerrear melhor devido à melhoria do equipamento e a novas estratégias de organização militar. A infantaria portuguesa assumiu, inclusivamente, um papel de destaque na Batalha de Atoleiros, em 1384, e na Batalha de Aljubarrota, em 1385, com a aplicação da famosa "tática do quadrado". Em ambos os casos defenderam a fação do Mestre de Avis, impedindo que Portugal fosse integrado no Reino de Castela, como aconteceu com outros reinos da Península Ibérica.



O equipamento dos guerreiros apeados era muito "rudimentar"; usavam **espadas curtas** ou utensílios agrícolas e de caça como **foices**, **forquilhas**, **machados**, **varapaus** e **mocas**. Usavam-se, ainda, os **arcos** e as **bestas**. Por vezes os peões empunhavam **escudos redondos** de proteção. No que respeita à vestimenta, alguns peões vestiam o **estarcão**, uma túnica de malha de ferro que se usava por cima de uma veste de couro, ou a **loriga**, uma espécie de saia de malha ou de couro com lâminas de metal. Na cabeça, usavam o **camalho** ou **coifa**, uma touca de malha de ferro ou couro que protegia não só a cabeça mas também o pescoço e os ombros. Existia, também, a **cervilheira** ou **casco** que, feitos de metal, tinham muitas vezes um reforço para proteger o rosto e o nariz. O contacto com outros povos guerreiros veio introduzir novos instrumentos de combate à peonagem. Destaque para as armas de fuste (de haste), a **alabarda** (de origem flamenga) e o **martelo-bico-de-corvo** (arma com ponta aguçada, com um martelo de um lado e uma lâmina do outro), para a **bola erigada de picos** (inspirada num malho de cereais) e para o **bracamarte**, espada curta com gume curvo apenas de um lado (de inspiração viking). Os besteiros e os arqueiros usavam um escudo grande (*mantelete*, se fosse fixo, ou *pavês*, se amovível), quadrangular, de madeira, para se abrigarem enquanto preparavam as armas.

A tática do quadrado consistia em dispor a infantaria estrategicamente em forma de quadrado para "enclausurar" o inimigo.



Pensa-se que tenham origem anterior, porém, sabe-se que na Idade Média, os **pelourinhos** (ou *picotas*, nome mais antigo), eram padrões dos concelhos e símbolos da liberdade e da autonomia municipal. Os pelourinhos primitivos eram colunas de pedra colocadas, geralmente, nos centros das urbes. Para além da função simbólica do poder, o pelourinho era o lugar onde se faziam **anúncios** e **proclamações, exposição de criminosos** e, provavelmente, de cumprimento de **pequenas penas**. Todavia, não era local de flagelação ou enforcamento, porque para essas penas, existiram o poste e a forca.



Até ao século XVI, as picotas tinham também função de prisão (**picota de gaiola**). Os condenados permaneciam numa gaiola de madeira por cima da coluna da picota. A partir (provavelmente) da segunda metade do século XVI, o sistema de detenção na gaiola é substituído, em virtude de se começarem a construir os edifícios do tribunal (e cadeia) onde os condenados começaram a cumprir as suas penas. Mais tarde veio a criar-se o “remate simbólico e decorativo” da gaiola, agora em pedra.

Pelourinho de Podentes e Parmenor do pelourinho de gaiola de Vilar Maior (Sabugal)



Os **cereais**, o **pão** e o **vinho** eram a base da alimentação, particularmente da dos camponeses. Os cereais eram consumidos sobretudo em forma de pão, porém, a farinha era consumida como papas ou sopas, servia para confeccionar biscoitos, pasteis e empadas ou como polme para peixe ou carne. Na escassez de cereais, as castanhas e as leguminosas (favas, ervilhas, lentilhas, grão-de-bico, chícharos, feijão e tremoço) eram utilizadas como substitutos. Relativamente ao vinho, embora parte da produção das vinhas se destinasse ao consumo de uvas como fruta de mesa, a grande maioria destinava-se à produção de vinho para consumo nacional e para exportação. O vinho era bebido cru ou cozido, simples ou misturado com água; as classes mais pobres bebiam-no “meado de água”, os mais ricos, “fariam a mistura com duas partes de vinho e uma de água”.

As **hortaliças**, os **legumes** e **leguminosas** eram muito utilizados na confeção de sopas, papas ou no acompanhamento de carne ou peixe. De acordo com documentos do século XII, o consumo de pastas de tipo filiforme também seria comum na confeção de aletria e macarrão. O mesmo documento refere as massas tenras e folhadas em pastéis, pastelões ou empadas de carne. A **carne de caça e de criação** era o alimento mais ambicionado por todas as classes sociais, porém, nem sempre acessível a todos. O **peixe** fresco ou conservado pelo sal, seco ou fumado, desempenhava um papel muito importante na alimentação medieval. Utilizavam-se **temperos** e **ervas de cheiro**, **fruta** e **frutos secos** nas ementas.

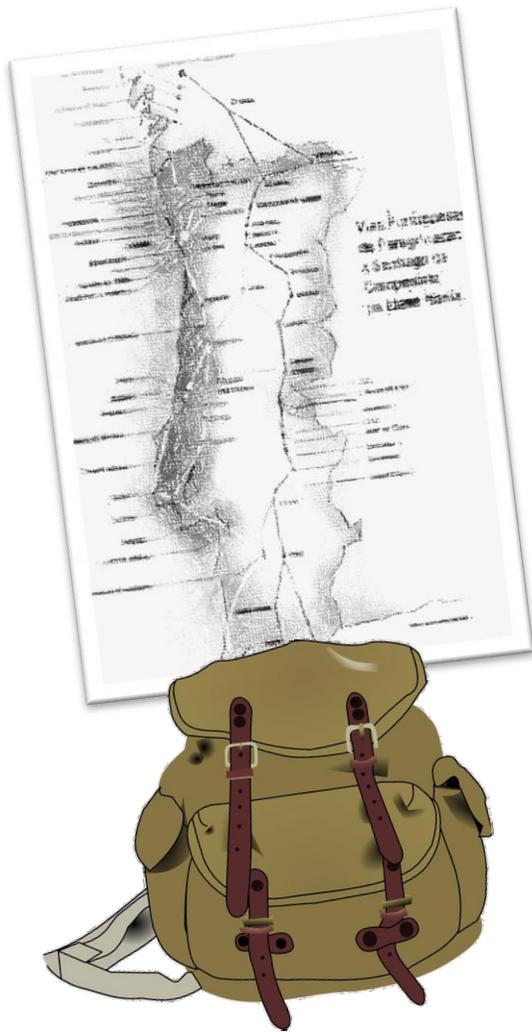
Feira Medieval de Penela



Os produtos agro-pastoris eram vendidos nas feiras e mercados ou “porta-a-porta”. Os **almocreves** eram comerciantes ambulantes que transportavam produtos de umas regiões para as outras, com recurso a burros e a outros animais de carga. As formas de comércio fixo eram os pequenos mercados e as feiras. Em Portugal, as feiras desenvolveram-se, principalmente, no reinado de D. Afonso III, já depois do final da Reconquista, devido ao clima de maior prosperidade e segurança que marcou o seu reinado. Criou 16 feiras, mensais ou anuais, sendo as anuais, geralmente de 15 dias associadas a festividades religiosas. Como forma de incentivar o comércio, alguns monarcas concediam proteção especial aos comerciantes, dispensando-os de pagar impostos, eram as chamadas **feiras francas**.



São conhecidas **2** grandes feiras medievais anuais em Penela, ambas criadas com o estatuto de feiras francas pelo Infante D. Pedro: a Feira de S. Miguel, que durava três dias (mandada criar em 1433) e a Feira de S. Sebastião. A Feira de S. Sebastião extinguiu-se no século XVI, perpetuando-se a de S. Miguel.



Caminho de Santiago

Tiago "Maior", filho de Zebedeu e irmão de João, o evangelista, foi um grande evangelizador do Cristianismo na antiga Hispânia. No ano 44, quando regressou à Palestina, foi preso e decapitado a mando de Herodes Agrippa I (neto de Herodes). Teodoro e Atanásio, seus discípulos, roubaram o seu corpo e sepultaram-no secretamente, no bosque Libredón (em Iria Flávia, na Galiza). A localização do túmulo de Santiago permaneceu um mistério durante um longo período da História; só no século IX um eremita do bosque Libredón terá encontrado o sepulcro do apóstolo. No "Campus Stellae" (Compostela) foi erigida uma capela para proteger o sepulcro que se tornou símbolo da resistência cristã contra os Mouros. Em 1075, o Rei Afonso VI mandou construir a, ainda hoje, catedral românica. A partir do século XIV, o Caminho entra em declínio, entre outros motivos, por causa da

Peste Negra. Durante os séculos XVII e XVIII, com a melhoria das vias de comunicação, o Caminho recupera, voltando a retroceder no século XIX com a Revolução Industrial e com os descobrimentos científicos e intelectuais. A peregrinação a Santiago foi uma prática religiosa profundamente vivida na Idade Média por toda a Europa e, também, em Portugal. D. Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, após a morte de D. Dinis em 1325, efetuou uma peregrinação a Santiago.

Para além do famoso Caminho Francês existiram outros caminhos, nomeadamente o Caminho do Norte, o Caminho Inglês, o Prolongamento Fisterra-Muxía e o Caminho Português. O Caminho Central Português a Santiago, itinerário mais trilhado em Portugal como via de peregrinação a Santiago, atravessa parte do concelho de Penela, no **Rabaçal**, vindo de Santiago da Guarda.

Troço do percurso sinalizado - Caminho de Santiago de Compostela



Designação Comercial do Estabelecimento	Gastronomia Regional
Varandas do Castelo (vila)	Chanfana no caçoulo e Borrego na grelha
D. Sesnando (vila)	Cabrito de Sicó assado no forno
Bigodes (vila)	Sopa de Chicharo e Bacalhau assado com migas
S. Lourenço (vila)	Chanfana e Bacalhau no forno
Santo Amaro (Carvalho de Santo Amaro)	Sopa de chicharo e Bifinhos à lagareiro
Boa Esperança (Camarinha)	Aferventado de feijão com bacalhau assado Aferventado de chicharo com sardinha assada
Cantinho da Clotilde (Rabaçal)	Rancho e Chanfana na púcara
Ruínas do Rabaçal (Rabaçal)	Cataplana de bacalhau e Ensopadinho de borrego
Terreiro do Lagar (Cabeça Redonda)	Bacalhau à lagareiro
Taberna Típica do Cristo (Casais da Cabra)	Bacalhau assado e petiscos
O Pastor (Pastor)	Cabrito no churrasco com ervas de Sicó
O Vintém (Rosas)	Caprichos de bacalhau no forno com grelos e batatinhas
Louçainha – Sabores da Montanha (Espinhhal)	Costeleta de javali na brasa

Queijaria Serqueijos	Visitas - 239569371
Queijaria Jerumelo	Visitas - 968 198 732
A queijeira do rabaçal, Lda.	Visitas - 239569474
Maria Cecília Antónia	Ordem - Rabaçal
Posto de Turismo de Penela	239 561 132
Bombeiros Voluntários de Penela	239560100
Centro de Saúde de Penela	239560200
Farmácias: Penela e Espinhhal	239 569 137/239 559 128

Designação Comercial do Estabelecimento	Tipologia
Casa de Turismo do Rabaçal/Pousada do Rabaçal (Rabaçal)	Alojamento local
Pensão Bigodes (vila)	Alojamento local
A Casinha (Tola)	Alojamento local
Parque de Campismo Municipal de Penela (vila)	ET Parque de Campismo e Caravanismo
Duecítânia Design Hotel (Ponte do Espinhhal)	ET Estabelecimento Hoteleiro: Hotel de 4 *
Casa do Zé Sapateiro (Ferraria de S. João)	ET TER: Casa de Campo
Casas do Favacal (Favacal)	ET TER: Casa de Campo
Vale do Ninho Nature Houses (Ferraria de S. João)	ET TER: Casa de Campo
Casas de Xisto dos Pardieiros (Fundeiros - Espinhhal)	ET TER: Casa de Campo
Quinta do Espanhol (vila)	ET TER: Casa de Campo
Quinta do Couço (Podentes)	ET TER: Casa de Campo
Uma Casa Portuguesa (Ferraria de S. João)	ET TER: Casa de Campo
Glampelo (Espinhhal)	Glamp
O Homem Verde (Relvas - Espinhhal)	Glamp



Não colhas plantas nem flores; podem ser espécies protegidas ou em extinção, sem que saibas.

Não saias dos trilhos marcados, assim evitas pisar o coberto vegetal.

Não alimentes os animais selvagens... nem os apanhes...

Se fizeres um piquenique, deves ter a certeza que não estás num local privado... quando terminares, leva o lixo contigo.

... e não faças... fogueiras...



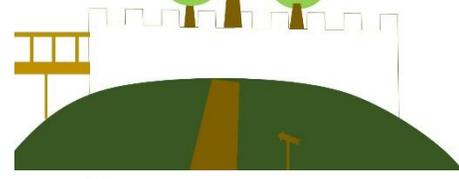
Se prometerdes cuidar de Pénzla... dar-te-zi salvo conduto e poderás cá voltar quando te aprouver!

- 1 | Fonte de Alfafar (Alfafar)
- 2 | Visita a queijaria no Rabaçal (Rabaçal)
- 3 | Castelo de Germanelo (Fartosa) - Percurso pedestre - subida ao Castelo
- 4 | Pelourinho de Penela (vila)
- 5 | Igreja de Santa Eufémia (vila)
- 6 | Igreja de S. Miguel (vila)
- 8 | Castelo de Penela (vila)
- 9 | Posto de Informação Turística (vila)

GERMANELO
 Lat.: 40.02625704988816
 Long.: - 8.430498093666623

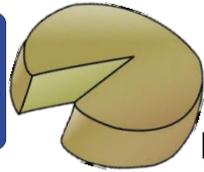


+/- 6 km
 EM 563 - EN 347/IC 3



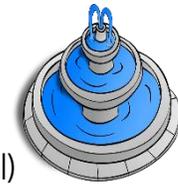
3

+/- 5 km
 EM 563 (Germanelo)



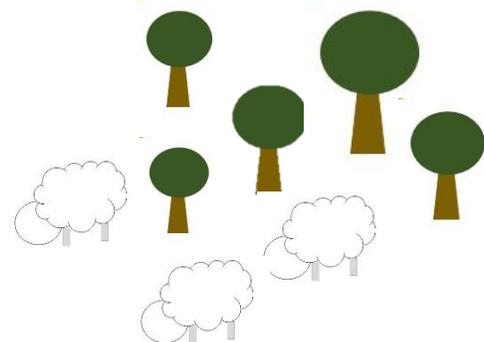
2

+/- 9 km
 EN 347/IC 3 - EM 563 (Rabaçal)



1

EN 347/IC 3



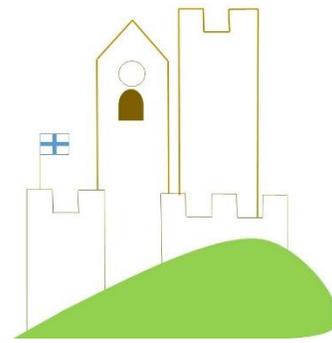
4



6

CONFERE AQUI as tuas respostas!

9



8

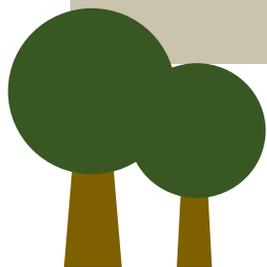
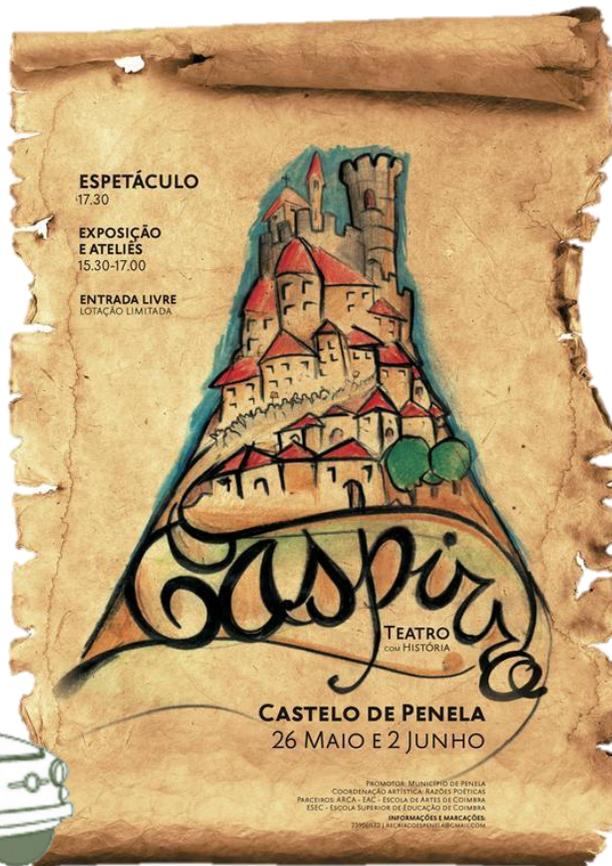
7



Sugestões



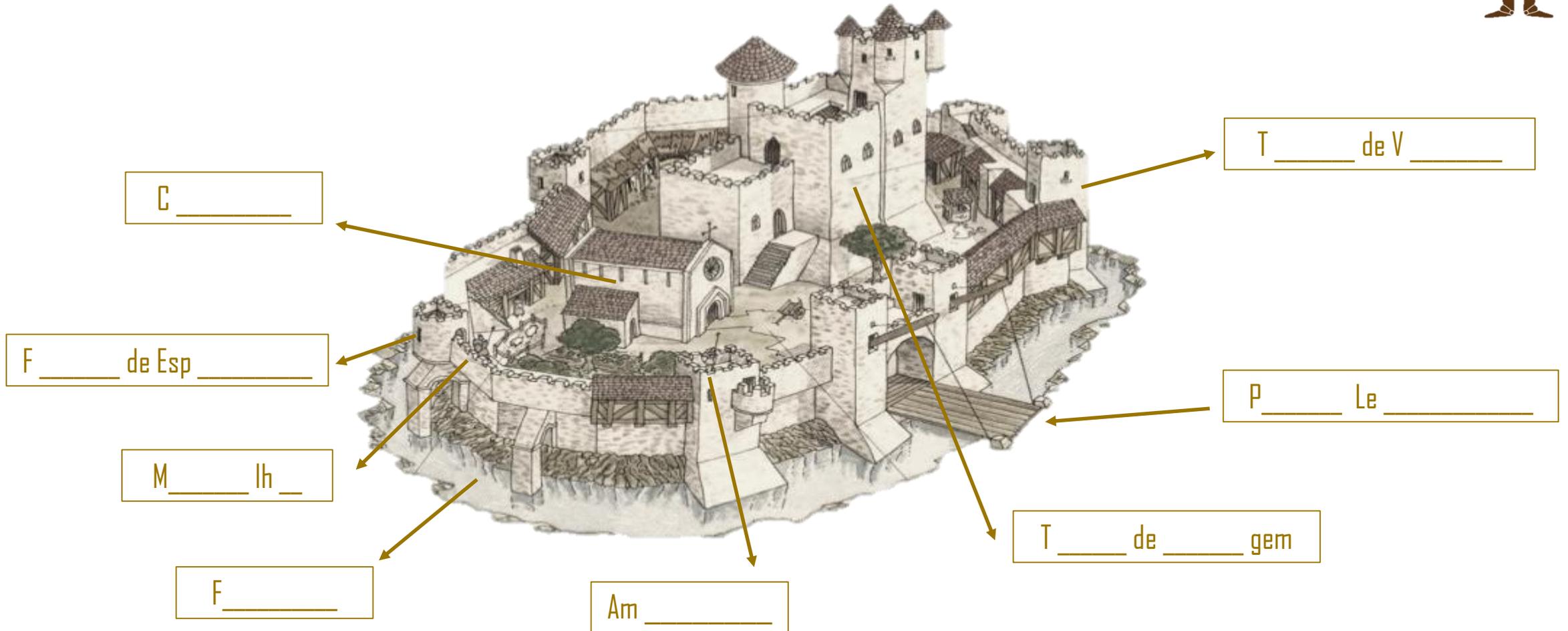
Podes visitar Penela em maio, na altura da Feira Medieval. Esta Feira, organizada desde 1994, é um evento ancorado em recriações históricas. Decorre no Castelo e recria as feiras medievais que existiam no país e, também, em Penela. Se tiveres sorte podes assistir à peça de teatro "Gaspirro", projeto coordenado pela Rede de Castelos e Murallas do Mondego. Também podes optar pelo mês de dezembro, e aproveitares o Penela Presépio...ou então podes vir em setembro, durante as Festas de S. Miguel. Aí podes assistir às festividades concelhias que integram a Feira das Nozes e dos Produtos Endógenos e Gastronomia e a Feira Agrícola, Comercial e Industrial. Confirma as datas no *site* da Câmara Municipal de Penela.



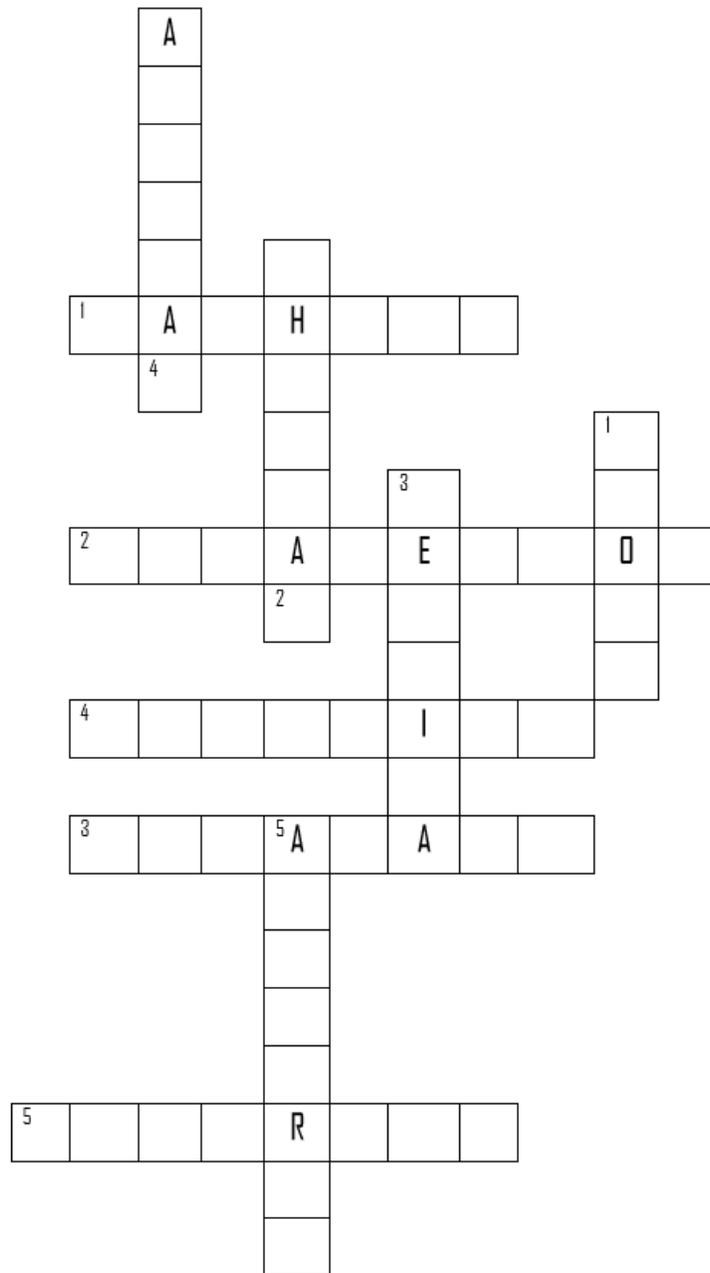


Agora vamos ver o que aprendeste....

Legenda a imagem



Completa o crucigrama



Castelos e Guerreiros Medievais

Horizontais

- 1 | utensílio agrícola usado pelos guerreiros medievais
- 2 | guerreiros nobres
- 3 | orifício por onde os guardas da barbacã atiravam azeite a ferver aos Mouros quando estes se aproximavam da medida
- 4 | guerreiro que usava arco
- 5 | túnica de malha de ferro que se usava por cima de uma veste de couro

Verticais

- 1 | guerreiros apeados da Idade Média
- 2 | touca em malha de ferro ou couro que protegia a cabeça, o pescoço e os ombros dos guerreiros medievais
- 3 | orifício na muralha por onde se lançavam setas contra os inimigos
- 4 | casa de banho dos castelos
- 5 | arma de fuste de origem flamenga usada pela peonagem

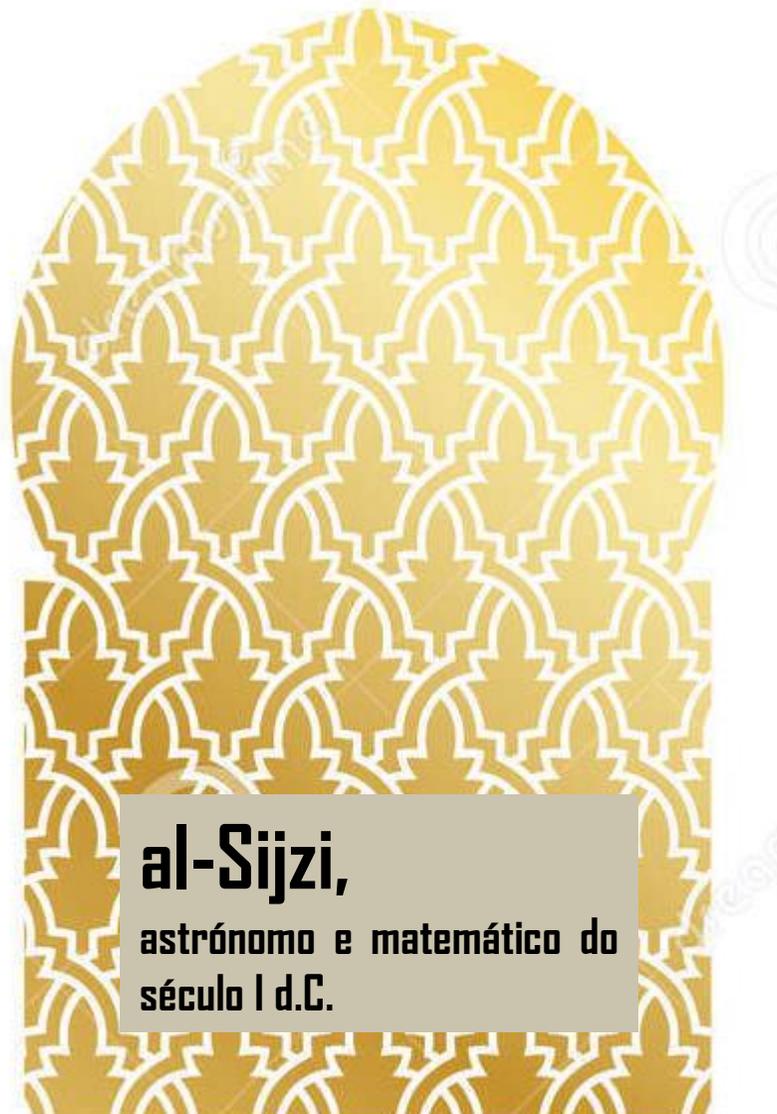
E	T	I	A	M	G	B	T	B	V	I	O	P	P
S	F	E	C	N	C	Y	T	A	N	X	B	B	O
F	E	O	N	J	K	O	L	O	B	A	U	V	A
S	F	O	A	L	A	P	P	A	E	O	B	O	P
F	G	G	R	B	J	E	S	W	R	R	U	K	V
T	C	J	F	F	A	O	A	Q	V	C	B	D	E
Y	J	B	A	E	C	R	X	B	A	I	U	S	A
U	C	E	R	E	R	E	A	I	S	U	B	Q	U
I	O	E	I	V	C	E	T	H	I	O	U	A	O
P	M	N	E	S	Y	E	O	E	L	R	A	B	B
L	J	A	F	O	N	S	O	I	I	I	O	E	U
K	D	G	V	C	Q	A	A	F	Q	F	V	B	B
J	X	N	V	I	A	T	I	B	X	E	A	N	U
H	J	O	U	O	N	A	T	U	R	Q	I	J	M
G	P	C	N	B	H	H	C	C	I	V	A	P	U
T	E	V	B	O	I	N	O	X	B	J	E	S	W
R	L	C	Q	H	I	M	I	O	G	V	C	V	B
E	O	C	T	I	L	A	Q	V	F	G	Q	A	M
W	U	V	B	A	G	J	V	S	E	E	G	T	O
S	R	F	G	R	B	J	E	S	W	B	N	O	A
P	I	C	O	T	A	D	E	G	A	I	O	L	A
G	N	V	I	O	L	Ç	I	U	P	H	R	E	C
F	H	B	W	V	A	O	T	A	D	B	I	L	O
I	O	R	F	B	J	E	S	W	B	N	O	A	R
E	D	F	H	U	I	M	K	L	T	E	R	B	M

Sopa de letras



Vida quotidiana: Alimentação, Feiras e Proclamações públicas





al-Sijzi,
astrónomo e matemático do
século I d.C.

Data os eventos e traduz para a numeração utilizada por al-Sijzi*



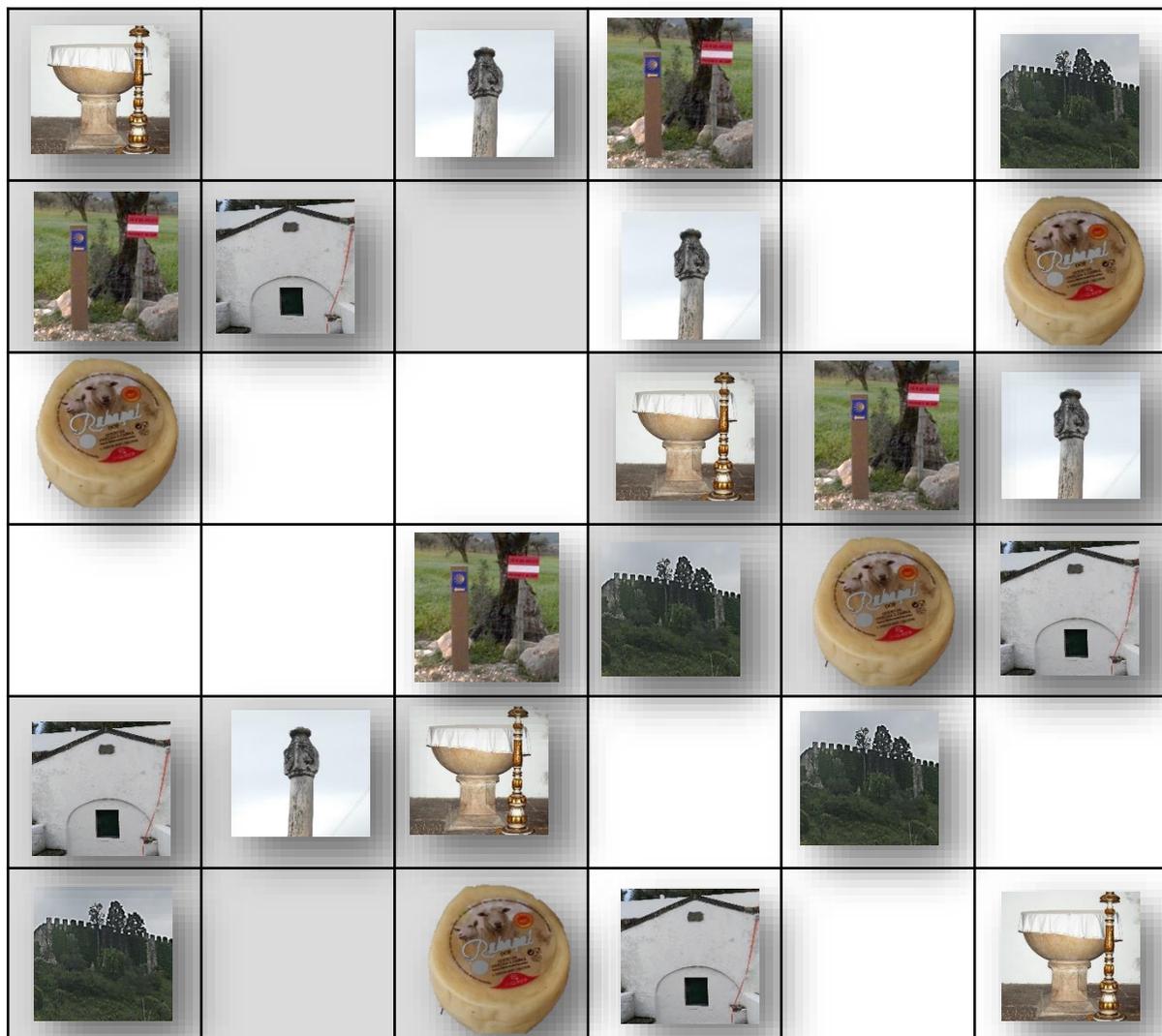
Penela Medieval

Ano do primeiro foral da Vila de Penela | _____

Data de construção do Castelo de Germanelo | _____

Data do primeiro documento que referencia a Igreja de Santa Eufémia | _____

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9



Preenche o Sudoku



1	5	2	4	3	6
4	3	6	2	1	5
5	6	3	1	4	2
2	1	4	6	5	3
3	2	1	5	6	4
6	4	5	3	2	1

**Heranças Culturais da Idade Média
no concelho de Penela**



Pia Água Benta Igreja de _____



Pelourinho de _____



Fontanário de _____



Caminho Santiago no _____



Queijo Rabaçal _____



Castelo de _____

Recorda e responde



Penela Medieval

1

Qual o nome do “carrasco” de D. João Telo (senhor de Penela em 1384) que contribuiu para a ascensão do Mestre de Avis ao trono?

Espirro ___ Caspirro ___ D. João I ___

2

Qual o nome da localidade do concelho de Penela que designa Oleiro?

Alfagar ___ Almegue ___ Almocreve ___

3

Indica o nome de 2 castelos que faziam parte da Linha Defensiva do Mondego (Coimbra) na Idade Média?

Soure ___ Leiria ___ Guarda ___ Lousã ___ Gouveia ___

4

Senhor de Coimbra que mandou erguer o Castelo de Penela?

D. Fernando ___ D. Sesnando ___ D. Pedro ___



Referências bibliográficas

- www.castelosemuralhasdomondego.pt
- www.cm-penela.pt
- www.terrasdesico.pt
- www.drapc.min-agricultura.pt
- www.patrimoniocultural.pt
- www.ine.pt
- ARNAUT, S. e DIAS, P. (2009). *Penela História e Arte*. Penela: Município de Penela
- GIOVACCO, J. (2008). *Vamos explorar um castelo*. Lisboa: Euro Impala.
- LE GOFF, J. (1995). *A Civilização do Ocidente Medieval*. vol. I, 2.ª ed. Lisboa: Editorial Estampa
- MATTOSO, J. (2013). *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores
- MORENO, H. (coord.) (1995). *História de Portugal Medieval, político e institucional*. Lisboa: Universidade Aberta
- TAVARES, J. (1987). *Guerreiros Medievais Portugueses: peonagem*. Porto: Porto Editora.